

A Paixão e o Crime

Luiza Nagib Eluf

A paixão pode levar ao crime, e tal fato não é um paradoxo. Juridicamente, convencionou-se chamar o homicídio cometido entre pessoas que tiveram envolvimento sexual ou amoroso de "passional", o que se mostra adequado, mas é preciso fazer uma ressalva: paixão não é sinônimo de amor. Pode resultar do amor e, então, será doce e terna, apesar de intensa e perturbadora como toda a paixão, mas pode surgir do sofrimento, do ódio, da mágoa, da cólera, e, então, será destrutiva e cruel.

Evidentemente, quando a paixão motiva o crime, já não existe amor, se é que um dia existiu. Do desejo possessivo-sexual impossível de ser realizado nasce o seu oposto, gerado pela frustração, pela revolta. Sobrevem, então, a vontade de destruir, de vingar-se da rejeição, de punir aquele que não quer mais a relação. Assim, o crime passional é, de regra, homicídio qualificado pelo motivo torpe.

Benedito Ferri distingue duas espécies de paixão: as sociais e as anti-sociais, conforme sejam úteis ou danosas, favoráveis ou contrárias à ordem e ao desenvolvimento da sociedade civilizada. No seu entender, o amor é paixão social, sendo que o ódio, a vingança, a cólera, a cobiça e a inveja são anti-sociais.

Por essa razão, a paixão não pode ser usada para justificar a conduta homicida; muito menos a honra ou a obrigação de fidelidade conjugal constituem excludentes de antijuridicidade no homicídio. Está sobejamente demonstrado que ninguém mata por amor e que inexiste o direito de tirar a vida de outra pessoa como forma de punição por certo tipo de comportamento sexual. A tese da "legítima defesa da honra" é uma aberração, não tem fundamento legal.

A literatura mundial está repleta de romances que relatam homicídios passionais. Tanto se tratou do tema de forma tolerante e piedosa, que a sociedade assimilou conceitos distorcidos sobre os "direitos do marido".

Estamos falando da forma tradicional de passionalidade criminosa, significando dizer, do homem que mata a mulher ou a ex-mulher por ciúme.

São raríssimos os casos de mulheres que mataram seus companheiros por suspeita de infidelidade; a história mostra que é sempre o homem que se acha no direito de tirar a vida daquela que não o quer mais. Isto mostra que a paixão não basta para produzir o crime, é apenas uma circunstância dele, embora preponderante, mas há causas exógenas que precisam ser analisadas.

Os padrões patriarcais impelem o homem traído a reagir violentamente. A sociedade exige que a infidelidade feminina seja severamente punida. Não apenas pela necessidade de assegurar a supremacia masculina, como também para desencorajar a insubordinação da mulher. É claro que os valores mudaram e a equiparação de direitos entre os sexos é lei no Brasil. A posição social da mulher vem evoluindo rapidamente, o que tende a eliminar conceitos antigos de dominação masculina, mas ainda não foi possível alcançar o fim dos crimes passionais e da violência contra a mulher de maneira geral. Dentro de muitas famílias, ainda prevalece a opressão de gênero, que torna a mulher vulnerável à agressão física e psicológica e transforma sua vida em eterno sofrimento.

O autor de crime passional possui uma ilimitada necessidade de dominar e uma preocupação exagerada com sua reputação. Tem tanto medo de ser traído pela companheira que acaba por perseguir seus passos, suspeitando de tudo e de todos. Não porque esteja preocupado com o relacionamento do casal em si, mas por temer a repercussão social gerada pelo adultério.

Embora a infidelidade não seja facilmente tolerada, sabe-se que o desejo sexual não é exclusivo e, a longo prazo, é muito difícil manter o interesse pelo mesmo parceiro. A natureza ditou a diversificação.

É certo que a fidelidade existe, mas, na maioria das vezes, é temporária. E o ser humano precisa aprender a conviver com esse fato inexorável, evitando a violência.

O homicida passional não enxerga o mundo como ele é e não respeita a companheira, não reconhece sua autonomia, não a vê em igualdade de condições. Persegue, apenas, sua auto-afirmação. Precisa mostrar que está no comando da relação e sente prazer em causar sofrimento a outrem. É obsessivo, não consegue ser amoroso. Em sua vida sentimental, existem apenas ele e sua superioridade, sua

vontade de subjugar. Do seu ponto de vista, uma separação que não parta de sua própria iniciativa não pode ser aceita. Por isso, ele mata.

A mulher que se sente ameaçada pelo parceiro não deve aguardar passivamente o desfecho desfavorável da relação. Isto é, não pode encarar a agressão, física ou verbal, como um deslize momentâneo, que não se repetirá. É importante evitar que o relacionamento prossiga em bases desiguais e violentas, impedindo-se o recrudescimento de atitudes sexistas.

Os homens agressivos dão sinais de seu potencial destrutivo e isto pode ser notado por suas companheiras. O ciúme excessivo, por exemplo, não é demonstração de amor, mas de insegurança, possessividade, desrespeito, egocentrismo.

Por sua vez, a mulher independente e emancipada torna-se menos sujeita à violência. Quando o homem é o provedor das necessidades econômicas de sua companheira, ele se sente no comando da relação. É como se tivesse "comprado" a mulher e possuísse ilimitados direitos sobre ela. Nesse caso, ao ser rejeitado, poderá reagir de forma brutal, pois, além da frustração amorosa, ele se sente "roubado".

No entender do advogado Valdir Troncoso Peres, em entrevista para o livro *A paixão no banco dos réus*, "o trabalho da mulher é uma proteção à violência, é uma imunidade ... porque, assim, o marido pode até se julgar traído, mas você tira o fator econômico, que eu acho que está na raiz de todas as condutas humanas. Ele não foi explorado nem vai continuar sendo explorado se separar, pois o amante não vai auferir a vantagem. Quando a mulher trabalha, ganha o suficiente, isto é uma barreira, diminui o ódio do marido e ela ainda tem muito mais autoridade moral. É por isso que eu nunca tiro o fenômeno econômico do crime passional".

A discussão sobre a passionalidade delituosa é importante para que possamos encontrar formas de preveni-la, promovendo a cidadania e o respeito aos direitos humanos, bem como incentivando relacionamentos amorosos em que a individualidade e a liberdade também encontrem seu lugar.

O psiquiatra norte-americano Brian Weiss, no livro *A divina sabedoria dos mestres*, aconselha: "é sempre seguro amar completamente, sem reservas. Nunca seremos

verdadeiramente rejeitados. É só quando nos deixamos envolver pelo ego que nos tornamos vulneráveis e nos machucamos. O amor em si é absoluto e abrangente. Nunca tire a alegria do outro".